



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA**

Terreiro de Jesus, s/n, prédio da Faculdade de Medicina – Pelourinho 40025-010
Salvador-BA. Fone/Fax: (71) 3283-5530/34. www.mae.ufba.br, E-mail: mae@ufba.br



RELATÓRIO FINAL.

AS ARMAÇÕES DA PESCA DA BALEIA EM ITAPARICA – BAHIA



Processo IPHAN 01502.001600/2009.43 – Portaria nº14 de 02/07/2009

Relatora: Profa. Dra. Fabiana Comerlato

Salvador, 27 de junho de 2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Terreiro de Jesus, s/n, prédio da Faculdade de Medicina – Pelourinho 40025-010
Salvador-BA. Fone/Fax: (71) 3283-5530/34. www.mae.ufba.br, E-mail: mae@ufba.br



FICHA TÉCNICA

Coordenação:

Dra. Fabiana Comerlato

Arqueólogo de campo:

Prof. Ms. Carlos Alberto Santos Costa

Levantamento histórico:

Bel. Cinthia Silva Cunha

Entrevistas:

Bel. Rafaela Caroline Noronha Almeida

Assistente de educação patrimonial:

Bel. Ana Cláudia de Araújo Santos

Parceria:



Endosso institucional:



Endosso financeiro:



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. LEVANTAMENTO DAS FONTES HISTÓRICAS	06
3. LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO	12
4. ENTREVISTAS	16
5. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
8. APÊNDICES	
APÊNCIDE A. FICHAS DOS SÍTIOS REGISTRADOS	
APÊNDICE B. TRANSCRIÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS	
APÊNDICE C. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	
APÊNDICE D. AVALIAÇÃO PELOS PARTICIPANTES DO CURSO “PATRIMÔNIO BALEEIRO DE ITAPARICA”	

1. INTRODUÇÃO

As armações da pesca da baleia foram empreendimentos dedicados à captura desses cetáceos e ao beneficiamento de suas partes. Eram aparelhados com edificações, equipamentos e mão-de-obra, ficando sua atividade a mercê da sazonalidade das migrações das baleias junto à costa. No Brasil, a pesca da baleia teve início do século XVI, no Recôncavo da Bahia, mais precisamente na Ilha de Itaparica. Ao longo do processo de colonização, concomitantemente as atividades dos engenhos de açúcar, a atividade pesqueira foi lucrativa em Itaparica. No século XVI foram construídas armações na Ponta de Itaparica e na Ponta da Cruz, sendo, posteriormente, edificadas outras em Manguinhos, Porto Santo, Gamboa e Barra do Gil (*vide* fig. 1).

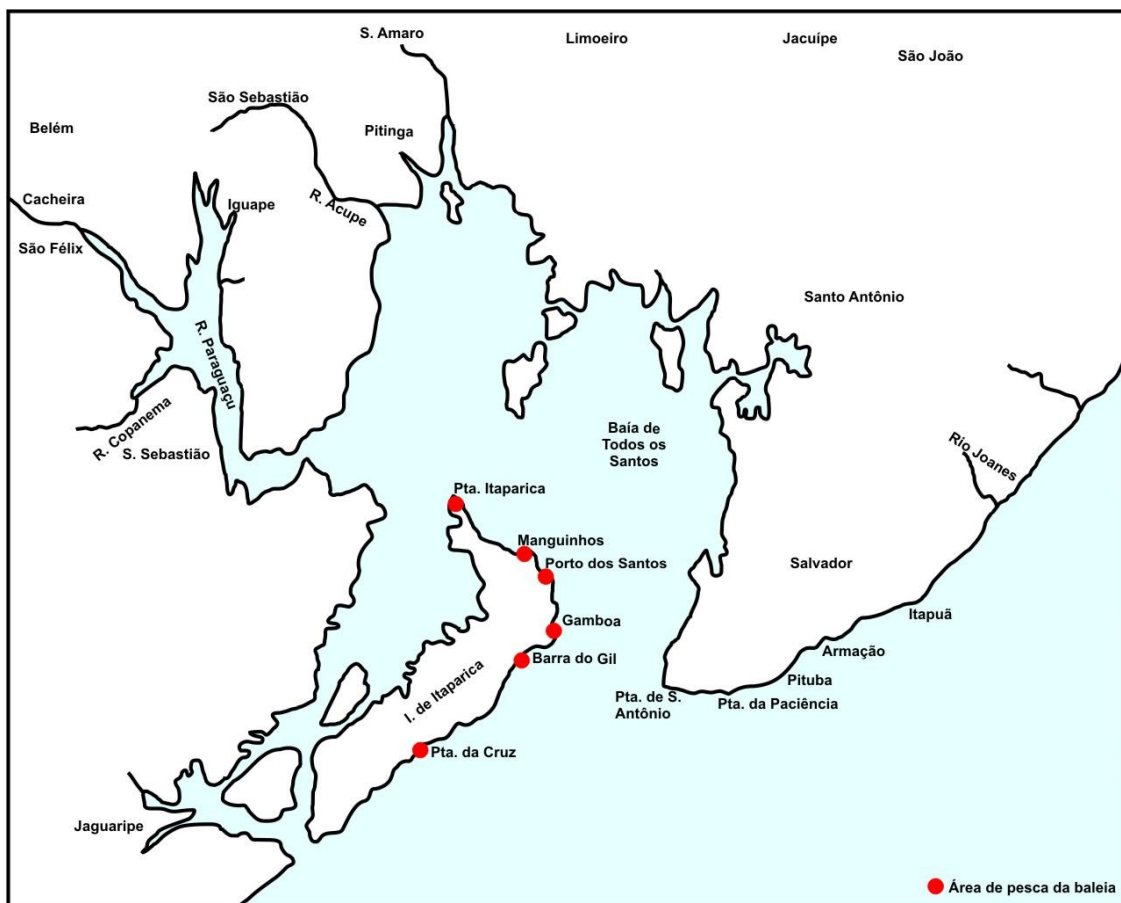


Fig. 1. Recôncavo da Bahia com a indicação dos sítios baleeiros da Ilha de Itaparica. Adaptado de Ellis, 1969.

Face ao reconhecimento da necessidade de novos estudos relativos às armações de Itaparica, o objetivo principal da pesquisa é analisar a espacialidade da sociedade baleeira em Itaparica, percebendo suas estruturas,

dinâmica social e suas transformações ao longo do tempo, através da pesquisa arqueológica. Metodologicamente a pesquisa foi estruturada em quatro grandes etapas: 1) apreciação da documentação escrita (primária e secundária) e iconográfica; 2) realização do trabalho de campo (entrevistas e levantamento arqueológico); 3) ações de educação patrimonial; 4) tratamento, análise e interpretação das diversas fontes documentais (oral, escrita, material e iconográfica).

Os objetivos específicos da pesquisa são: analisar a espacialidade das armações de Itaparica em seus diferentes momentos históricos em uma perspectiva de longa duração; identificar as estruturas remanescentes das armações de Manguinhos e Porto Santo; situar a importância das atividades baleeiras dentro do processo de ocupação do recôncavo baiano; realizar levantamento nas fontes documentais (escritas e iconográficas) no Arquivo Público do Estado da Bahia e arquivos de Itaparica; registrar a memória dos itaparicanos sobre as armações e a pesca da baleia em Itaparica; documentar peças relativas à pesca da baleia guardadas pelos moradores; promover encontros com a comunidade escolar através de atividades que fomentem a educação patrimonial; distinguir as semelhanças e diferenças entre as armações de Itaparica e outros núcleos baleeiros no sul e sudeste do Brasil.

Os resultados alcançados nesta pesquisa são: transcrição e análise de documentos impressos e manuscritos do século XVII e XVIII, de diversos fundos documentais do Arquivo Público do Estado da Bahia; identificação das estruturas remanescentes pertencentes à armação de Porto Santo; oito entrevistas realizadas que evidenciam a memória de antigos baleeiros e moradores destas comunidades; execução do Programa de Educação Patrimonial.

2. LEVANTAMENTO DAS FONTES HISTÓRICAS

O levantamento das fontes históricas foi realizado no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) pela historiadora Cinthia Silva Cunha. O arquivo municipal de Itaparica não possui documentação do período que nos interessava, portanto, não foi local de pesquisa para o projeto.

Inicialmente, foi realizado um levantamento das fontes sobre pesca da baleia na Bahia, sendo localizados documentos da seção colonial, seção de microfilmes e de documentos históricos impressos. Deu-se prioridade a transcrição e cópia dos documentos dos séculos XVII e XVIII, visto que destes primeiros séculos existem poucas pesquisas realizadas, assim poderiam fornecer informações sobre as primeiras armações em Itaparica.

Nesta primeira fase, também foram identificados documentos da seção colonial do APEB relativos ao século XIX. A documentação do final do século XIX já foi alvo de pesquisas, sendo notória a produção do historiador Wellington Castelluci (2005a, 2005b), portanto, não foi focada neste momento.

Após a seleção dos documentos a serem trabalhados, foi realizada a transcrição paleográfica de quinze documentos dos séculos XVII e XVIII, da seção de microfilmes, do projeto Resgate, da série de documentos avulsos. As espécies documentais¹ transcritas foram: cartas, decretos, termo de arrematação, requerimento, certidão, aviso. Esta documentação apresenta grande quantidade de abreviaturas e sua leitura requer conhecimento e prática na transcrição paleográfica. Não foram seguidas à risca as normas de transcrição paleográfica da Associação Nacional de Arquivistas, nos preocupamos, sobretudo, em manter a grafia original ao documento.

Os outros documentos copiados de fontes impressas formam um conjunto de compilações de dezoito documentos do Arquivo e Biblioteca Nacional. As espécies documentais identificadas foram: contratos, alvarás, portarias, carta régia e registros (de quitação, de mandado, de carta, de provisão, de portaria etc.); documentação que revela aspectos da administração e economia coloniais. Para verificação, todos os documentos trabalhados compõem o Apêndice A deste relatório.

¹ Para conhecer mais sobre as espécies documentais consultar a obra de Belloto, 2002.

Os documentos revelam muito pouco da espacialidade das armações, tratam em geral das relações de comércio, das condições dos contratos, pendengas entre os arrematadores, dos bens dos contratantes, do destino das rendas da exploração das baleias. Na documentação dos séculos XVII e XVIII o lugar que se faz referência é a ponta de Itaparica, como primeiro local de pesca, não fazendo menção a Manguinho ou a Porto Santo. Ao que parece, pela documentação observada, que existiu um primeiro local da pesca, nas imediações do forte São Lourenço, chamado de ponta de Itaparica ou ponta das Baleias. Uma segunda área de pesca foi Manguinhos e Porto Santo se estendendo a outras partes da costa de fora de Itaparica.

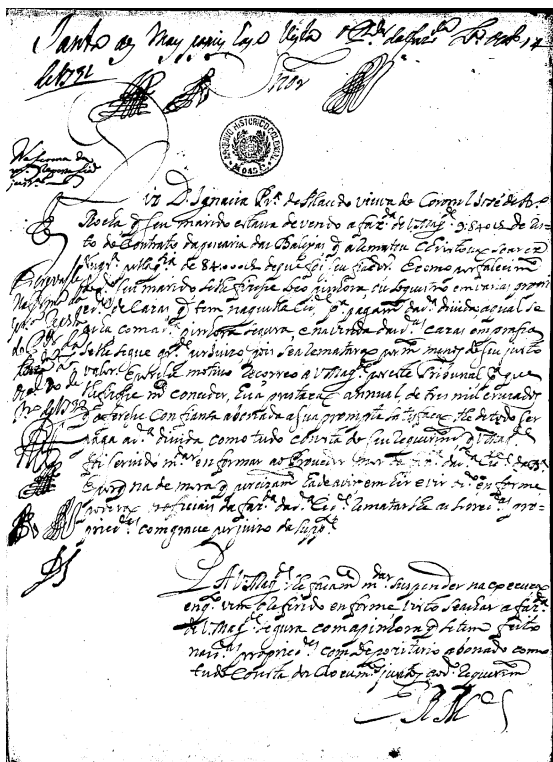


Fig. 2. Exemplo de manuscrito microfilmado do projeto Resgate. Fonte: APEB.

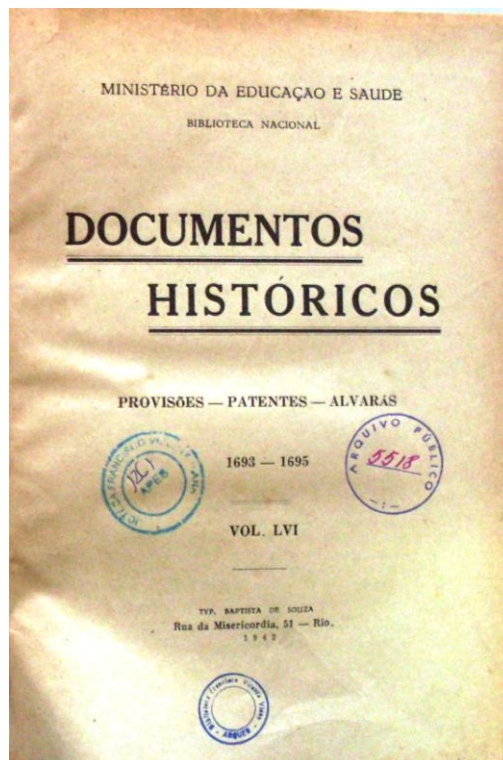


Fig. 3. Capa de exemplar da série Documentos Históricos, impresso pela Biblioteca Nacional. Fonte: APEB

A documentação transcrita pode identificar o primeiro contrato até o período áureo da pesca com a família Quintela na arrematação dos contratos em toda a costa brasileira. A seguir, estão listados os nomes dos contratantes, o período e vigência dos contratos (tabela 1).

Tabela 1. Listagem dos contratantes da pesca da baleia em Itaparica		
Período	Contratador	Duração
1614-1615	Antônio da Costa	1 ano
1631-1632	Diogo Garcia	1 ano
1632-1635	João da Rocha	3 anos
1635-1638	Gonçalo de Morgado	3 anos
1638	Manuel Carlos de Figueiroa	----
1651-1652	Luís de Macedo	1 ano
1656-1659	Domingos Ferreira	3 anos
1662-1666	Domingos Ferreira	4 anos
1672-1675	Inácio de Velasco	3 anos
1676-1678	Inácio de Velasco	2 anos
1678-1681	Jeronymo Sodré Pereira	3 anos
1687-1690	Antônio Pereira Barbosa	3 anos
1693	Luís Couto	1 ano
1696-1697	Antônio de Amorim	1 ano
1712- 1718	Luís Lopes Pegado	6 anos
1718 - 1723	Francisco Thomaz Pereyra	6 anos
24/06/1723 a 23/06/1729	Cristovão Soares Nogueira	6 anos
1729 - 1735	Simão Lobo Guimarães	6 anos
1765 - 1777	Inácio Pedro Quintella e Companhia	12 anos

Na bibliografia consultada, não existe uma data exata para a fundação das armações de Manguinhos e Porto Santo, estima-se que as atividades da pesca da baleia tenham iniciado nesta área por volta de meados do século XIX. Como indicam as pesquisas de Castelluci:

(...) havia uma armação no Manguinho, que, segundo Ubaldo Osório, teria sido a antiga armação da Ponta da Cruz, transferida para aquela povoação por volta de 1850. Como consta no inventário de seu proprietário, era uma pequena casa com a fachada de alvenaria, com porta e janela, coberta de telha e com paredes laterais de taipa, apropriada para o desmancho de baleias em pequena escala, encontrando-se na época em mau estado de conservação. Teria sido ela, ao lado da armação de João Dias da Costa Lima, situada em Porto dos Santos, as últimas a se enveredarem pelo final do século, abatendo baleias em pequena quantidade. (2005b, p. 160).

Podemos visualizar este cenário de uma vila baleeira através das fotografias de um padre jesuíta que visitou Manguinhos na década de 20 do século XX, localizadas inicialmente através de uma reprodução na obra de

Stela Borges de Almeida. Posteriormente, fomos a biblioteca de obras raras do Colégio Antônio Vieira, onde localizamos a revista fundada pelo próprio padre jesuíta J. S. Tavares para servir de divulgação científica.

A primeira imagem apresenta duas vista do povoado, obtidas a partir de embarcação que margeava a costa. Uma delas é a fig. 4, da esquerda para direita na linha da praia é possível perceber:

- uma série de edificações de uma pavimento;
- uma edificação maior com dois pavimentos;
- um alinhamento de palmeiras que parece desenhar um arruamento adentrando o povoado;
- uma casa térrea;
- ao lado, a capela com fachada recuada;
- dois telheiros sustentados por pilares (possivelmente o engenho com as fornalhas);
- um galpão com seis portas frontais (casa dos tanques);
- um terreiro rodeado de edificações de um pavimento;
- outras casas mais recuadas e na encosta;
- ao fundo, a fotografia revela o relevo e vegetação desta parte da Ilha de Itaparica.

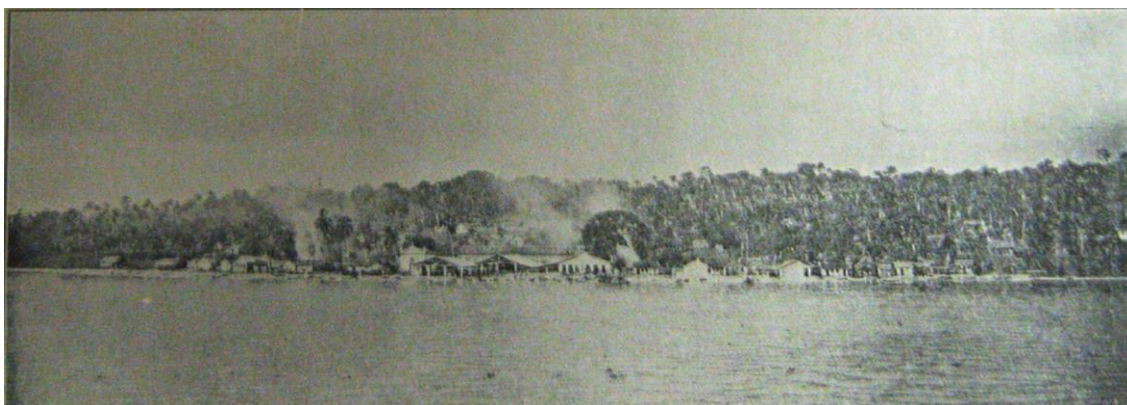


Fig. 4. Vista de Manguinhos, na costa de Itaparica, tomadas do vapor da carreira. Em ambas se vê a população, a capela, o contrato ou fábrica de azeite de baleia e a fumaça das fornalhas onde se derrete o tocinho. Cliché de J. S. Tavares. Fonte: Tavares, 1916, p. 71.

As fotos 5 e 6, mostram um exemplar de uma jubarte jovem, com ventre para cima, presa por corda era puxada pela cauda, observa-se que as nadadeiras caudais já tinham sido cortadas. Pelas características físicas, esta

baleia jovem (seguilhote) é da espécie jubarte, tendo em vista seu corpo escuro com manchas brancas irregulares no ventre, nadadeira peitoral longa, mandíbula com barbatanas e presença de cracas e parasitas no alto da cabeça.

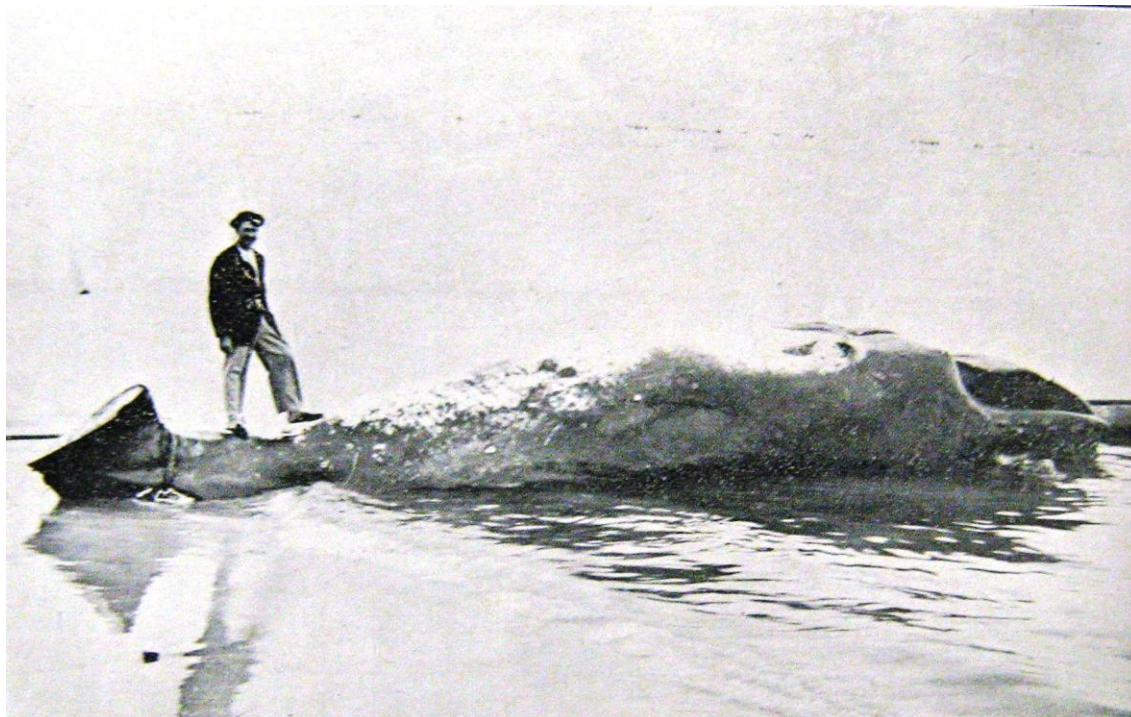


Fig. 5. Baleia (seguilhote de 11 metros de comprimento) estendida de costas no areal de Manguinho (Itaparica), antes de começar o esquartejamento. Junto da barbatana caudal, já cortada, vê-se o calibre por onde do tronco e cabeça mergulha na água. Cliché de J. S. Tavares. Fonte: Tavares, 1916, p. 73.

A foto 6 mostra o esquartejamento da baleia, dava-se início com a separação da cabeça e nadadeira caudal. Logo após, o corpo recebia um corte longitudinal e o ventre da baleia era retalhado em grandes mantas de toucinho pelos mestres dos facões. Esta maneira de retalhamento vem desde o Brasil Colonial, é pode ser visualizada no quadro do pintor Leandro Joaquim no Museu Nacional.

A foto 7 mostra a praia como extensão da armação, como espaço de despojos, longe da construção imaginária da praia como espaço de lazer e terapêutica. A praia era por aonde chegava à matéria-prima, sendo ali mesmas destrinchadas e abandonadas as partes menos lucrativas ou excedentes, como os ossos (vértebras, costelas) e a carne entre os mesmos. As mulheres, no canto direito da foto, estão na busca de porções de carne para muquear.



Fig. 6. Os facões a escorchar uma baleia (seguilhote de 11 metros de comprimento), em Manguinho (Itaparica). Vêem-se as mantas de toicinho, amparadas pelos coroques ou varas compridas, munidas de gancho. Cliché de J. S. Tavares. Fonte: Tavares, 1916, p.75.



Fig. 7. Na praia de Manguinho (Itaparica) ao terminar o esquartejamento de uma baleia. Junto da ponte vêem-se os ossos amontoados em grande extensão. As mulheres carregam os últimos cestos de carniagem, por entre os cães ocupados com o seu farto quinhão. Cliché de J. S. Tavares. Fonte: Tavares, 1916, p. 77.

3. LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO

O levantamento arqueológico consistiu na identificação das estruturas remanescentes sem a realização de escavações ou prospecções arqueológicas. Portanto foi realizado um levantamento das estruturas em superfície, entretanto as marés realizam movimento de areia que dependendo da época do ano e do momento do dia algumas possam estar enterradas.

O sítio arqueológico da Armação de Porto Santo, UTM N 8572074 E 540369, foi registrado² anteriormente em outra pesquisa arqueológica em Itaparica, trata-se de local representativo de importante atividade econômica da Ilha de Itaparica – a pesca da baleia.

Não se sabe ao certo a data de construção da armação de Porto Santo, estima-se terem sido construídas no século XVII ou XVIII, como aponta Miriam Ellis (1969, p. 42).

O levantamento permitiu o reconhecimento das seguintes estruturas remanescentes da armação:

- muro de contenção – capela, com pedras argamassadas apresenta as dimensões de frente 16,8m e 11m de lateral;
- rampa, com aproximadamente 6 metros de extensão;
- muro de contenção, estrutura baixa com 22 metros de extensão;
- estrutura linear – meia parede com 36 metros de extensão;
- estrutura de um forno.

Esta última edificação foi construída com pedras argamassadas, sendo uma parte com tijolos maciços, que ao que tudo indica seria a estrutura de forno do engenho de frigar³ (figs. 8 a 11). A edificação tem as seguintes dimensões: 4,76m e 5,0m de comprimento, frente e fundos; 2,47m e 2,0m de largura e 3,5m e 4m de altura, frente e fundos. Esta forma irregular conferida a

² A ficha de registro deste sítio pode ser encontrada em: COMERLATO, Fabiana. Relatório final do sítio escola da Praça Boulevard – Área do Forte de São Lourenço (município de Itaparica – BA). Salvador: MAE/UFBA, 2008.

³ Também chamado de engenho de azeite ou casa do engenho das baleias, era a principal edificação da armação. O engenho era uma construção feita com pedras argamassadas e coberto por telhas. Seu tamanho era variável, dependendo de armação para armação. Nas maiores, constava de duas oficinas: a do açougue e a das fornalhas, cada um com variado instrumental de ferro e de cobre. A oficina do açougue era revestida de ladrilhos³ e utilizada para retalhar e picar o toucinho. A oficina das fornalhas alojava fornalhas de pedra e barro em que eram fixadas as caldeiras de cobre, dali o óleo através de canos de barro escoava até os tanques. Portanto, a casa dos tanques era anexa a do engenho de frigar baleias (Ellis, 1969, p. 63).

estrutura ocorre do fato dela estar parcialmente arruinada com a presença de partes soltas há uns 5 metros de distância. Atualmente, acrescentada aos fundos da estrutura, foi construído um piso de cimento de 5m x 3m, uma cobertura de telha tipo ternit e a estrutura recebeu uma pintura branca. No verão, o local é utilizado para venda de produtos alimentícios – barraca de acarajé.



Fig. 8. Vista geral de parte do suposto forno da Armação de Porto Santo. Foto: Fabiana Comerlato. Data: 27/10/2008.



Fig. 9. Parte com tijolos maciços argamassados, criando uma forma abaulada. Foto: Carlos Costa. Data: 02/2008.



Fig. 10. Parte dos fundos da estrutura de engenho e barraca de acarajé. Foto: Dario. Data: 2004.



Fig. 11. Alterações na estrutura do forno de Porto Santo. Foto: Carlos Costa. Data: 02/2008.

A capela existente em Porto Santo está bastante alterada em razão de reformas e remodelações, provavelmente foi construída junto com o núcleo baleeiro com devoção a Nossa Senhora do Amparo. O acesso a capela pode ser feito pela praia, para isso existe uma rampa anexa ao muro de contenção.

Entre o forno e a capela existem duas estruturas lineares alinhadas a praia, a primeira um muro de contenção baixo e atrás uma estrutura de uma parede ou fundação antiga de pedras argamassadas. Mais acima, no mesmo patamar da igreja começou-se a construir uma residência, porém a obra foi embargada.



Fig. 12. Muro de contenção a frente da capela. Foto: Fabiana Comerlato. Data: 27/10/2008.



Fig. 13. Capela de Nossa Senhora do Amparo e cruzeiro. Foto: Fabiana Comerlato. Data: 27/10/2008.



Fig. 14. Parte da rampa que dá acesso a praia pela capela de Porto Santo. Foto: Fabiana Comerlato. Data: 27/10/2008.



Fig. 15. Estrutura de pedras argamassadas coberta por vegetação, 36m de meia parede, sítio Armação de Porto Santo. Foto: Fabiana Comerlato. Data: 27/10/2008.

O sítio da Armação de Manguinhos, N 8.573.348 / E 539.624 N 8.573.348 / E 539.624, situado na praia de mesmo nome apresenta somente uma estrutura em superfície atribuída às edificações deste núcleo baleeiro, situada no canto da calçada da escola municipal (fig. 16). Existem informações orais que atestam para a localização dos tanques de armazenamento do óleo nos quintais dos fundos do primeiro alinhamento de casas junto à praia de Manguinhos, além da existência de um tacho.

A capela de Manguinhos assemelha-se a feição dos templos de outros núcleos baleeiros, este com devoção a Nossa Senhora das Candeias (fig. 17).

Além do objeto de estudo desta pesquisa, em razão de visitas a outras localidades da Ilha de Itaparica procedemos ao registro de três sítios

arqueológicos, dois religiosos e um ligado a atividade produtiva (*vide* fichas de registro conforme modelo do CNSA/SGPA no Apêndice B.



Fig. 16. Estrutura remanescente na lateral da calçada da escola municipal de Manguinhos. Foto: Fabiana Comerlato. Data: 27/10/2008.



Fig. 17. Vista geral da capela de Manguinhos. Foto: Fabiana Comerlato. Data: 27/10/2008.

4. ENTREVISTAS

As informações orais através da realização de entrevistas com moradores das áreas estudadas, na categoria de colaboradores, forneceram dados diferenciais e referenciais de localização não oportunizadas pela documentação, informações sobre a cultura material, enfim, narrativas sobre a pesca da baleia enquanto prática vivida ou lembrada remetendo a lugares, atores sociais e ao imaginário.

O contato com todos os entrevistados foi mediado através do Sr. Cosme Lima dos Santos, funcionário da Prefeitura Municipal de Itaparica e membro de família de pescadores tradicionais de Manguinhos. Após contato com os informantes das localidades pesquisadas – geralmente parentes dos entrevistados – foram identificados oito depoentes com faixa etária entre os 90 e 70 anos de idade, moradores de Porto Santo e Manguinhos. As entrevistas foram realizadas na casa dos entrevistados no mês de dezembro de 2008 e janeiro de 2009, sendo transcritas em fichas elaboradas para o projeto (Apêndice C).

Pelo testemunho dos entrevistados, os relatos remontam aos anos 20 até por volta dos anos 40 do século XX, visto se referirem ao tempo em que eram meninos ou jovens. É notório como as lembranças evocadas pelos colaboradores referem-se ao tempo dos seus pais e avós, suas memórias trazem o relato de suas vivências pessoais da juventude ora mesclam-se com as histórias passadas de geração em geração dentro do seio familiar.

Seguem alguns trechos selecionados das entrevistas:

- Trecho da entrevista com o Sr. Antônio da Silva Flores, mestre baleeiro, de família de tradição na pesca da baleia em Manguinhos:

Arpoei a baleia, e peguei. ela vinha se aproximando com o filho, quer dizer que eu peguei o filho também e só o filho deu em torno de 200 quilos, porque a baleia, essa que eu peguei era baleia que naquele tempo não se comia que tinha dente. Essa baleia de dente era muito nervosa que eu já fiz não sei se foi, tô esquecido quantos tonéis já eu fiz de azeite só da baleia. Agora eu não tô lembrando quantos tonéis foram. Eu tô esquecido. Mas parece bem que foi onze, foi onze tonéis (...) A carne da baleia... tinha muita gente pra trabalhar, tirava muito, botava o óleo, aí muquiava aquilo, quando acabar tinha

aquelas grades, dois ou três cabos direto tocava fogo. Agora tinha ali três ou quatro mulher e tinha os ganchos que ela botava com a ... a lança, por exemplo, muitas das baleias muquiada, mas ela já tinha a (...) e tinha que ficar de longe por causa da queimadura do fogo. Ela fazia aquele trabalho tudo de longe. E aqui a mulher já era paga pra isso pra revirar aquilo ali. Até pra assar, pra pude...

- Trecho da entrevista com o Sr. Diógenes Costa Oliveira, nascido em 1920, pescador de uma família de tradição na pesca da baleia em Manguinhos:

O óleo da baleia? Tinha o toucinho da baleia que cozinhava, que ali onde tem a igreja, tinha o colégio. Tudo ali era contrato de baleia do tempo dos ingêrês, porque o terreno aqui, do lado de lá era do Dunga dos ingêrês. Bom aí tinha, era, era a tacha tirava o toucinho cortava, depois cozinhava, cozinhava o toucinho, vinha os barcos. Nego ganhou muito dinheiro, vinha as lanchas pra vim buscar as.... botava o óleo pra levar ali pra lancha pra vender. (...) A carne? A minha mulher, minha velha, eles muquiavam, depois ali porque ali a igreja que hoje é um templo, lá, aí lá tinha um campo, botava a grelha pra assar, pra muquiar. Aí eu vendia em Nazaré, Maragojipe, Cachoeira...

- Trecho da entrevista com o Sr. Djalma Souza Lima, nascido em 1926, morador de Porto Santo; reportou-se a época de seu avô Dionísio, 'dono da baleia' em Porto Santo:

Diz que a pesca desde quando era a vela, diz que tinha que esperar a baleia montar, né? (...) que quando montava que ele fazia a volta, né? Tinha o arpoador que já arpoava a baleia e... que chamava engenho, que era engenho aquela corda que tava ali enrolada ali que era do arpão e descia e ia embora já com a baleia, já arriava o pano da... a vela... a vela da... da barcaça e botava... conduzir o cabo mexe... no leme que quando a baleia ia, ele ia guiando até quando ela cansa, aí metia a lança. Ia lanceando, lanceando que é pra poder ela aí ela ir perdendo sangue, perdendo sangue. Quando ela queria correr aí tinha o moço d'alma... o moço d'alma aí mergulhava com a corda e agulha, né? Disse que se deixasse ela morrer sem, sem ele mergulhar pra fechar a boca, aí disse que então ele não conseguia trazer, né? Trazer ela de reboque, vinha de reboque. Então, tinha o moço d'alma descia com a agulha e a corda pra enfiar pra fechar a boca da baleia. Agora isso aí encostava a baleia no... na... no barco aí vinha, ainda botava a vela pra cima

e vinha, quando chegava aqui à maré tava... se tivesse seca, deixava a maré encher pra trazer a baleia pra precisando deixar. Quando agora a maré vazava a baleia ficava em círculos aí começava destrinchar a baleia...

- Trecho da entrevista com a Sra. Adélia Costa Oliveira, nascida em 1923, moradora de Manguinhos, seu relato é da época de seus 12-13 anos quando seu avô era 'desmanchador de baleias':

A era muito grande minha filha, tinha mais de uns 10 home mais ou meno né, pra trabalho, botava as ferramenta toda que eles trabalhavam. Tinha mucho gente, era uma parte com aquelas, quando chegava aqui tinha aquele remo, tudo remando. Com aquela, assim você sabe como era a baleeira, como imitava com essa, senhor dos navegante não tem aquele barco assim compridado. A pois era assim, mais era um, um muito grande a baleeira. Tinha aquela parte dos home dum lado e a parte dos oto. Quando ele é, e quando eles chegavam aqui a gente alertava pela força das embarcação Olegário, que tinha. Que aqui só tinha pescador no é. Aqui só, desse saverinho, vinha aquele a baleeira na frente e os barco tudo atrás, era uma coisa linda, quando essas baleia chegavam aqui. Era uma festa, tinha ali la no largo, tinha uma, uma caboca que fizeram, esse povo do tempo antigo que usava muita coisa, mars Olegário era uma coisa, que beleza a caboca, era uma moça. Os, os cabelo dela, só vendo, mais tudo de madeira num sabe, era de madeira. Menina tinha o cabestrante ficava lá no meio, aí enfeitavam aquilo tudo ali, de, de palha de dendezeiro, faziam uma festa, vinha até, deixa eu vê, o, orquestra traziam da cidade, pa fazer festa pa essa baleia. Era uma, uma coisa linda mesmo a chegada das baleia aqui. Era uma, duas, três, depende.

- Trecho da entrevista com o Sr. Sid Conceição Lima, nascido em 1938, morador de Manguinhos:

Primeiramente o contrato né? Aonde a baleia, desmanchava a baleia que é como diz, como cortava a baleia toda pra bota dentro das, do contrato, pás mulé fazê muquia, faze o óleo, o tocinho aí neste contrato. As barca saia pra pescar, duas barca: a Helena e a Bela. Helena e Bela duas barca é o nome de duas mulé que morava aqui no Manguinhos mais já morreram, era de Pedro Mascarenha. (...) A baleia puxava 10 milhas pra frente, ela puxava 10 milhas pra trás. Pá estancar ela, a baleia, a carreira dela entendeu? Mais num estancava, vamú dizer assim pra fica parada não, porque ela tem

muita velocidade, Entendeu? Mais dava pra ela guentar ela, pra ela não dispara muito. E quando eles arpuava e o mergulhador discia, furava a boca dela e fechava. E ficava ela boiada em cima d'água com a bandeira içada nas costas dela. Pás, pás, pás baleeiras vim pegando ela e arrastando. Pra trazer pra qui pro Manguinhos.

- Trecho da entrevista com o Sr. Jorge Oliveira Mascarenhas, nascido em 1932, morador de Manguinhos, relata as memórias do seu tempo de criança:

A pescaria daqui quem manobrava era meu pai né, mais seno que a pesca mesmo era dos ingrês, e o chefe do era dono da pesca mesmo da baleia, era, era chamava Jorge também né. E tinha três barco, um chamava Helena, outra Bela e uma chamava uma a baleeira né, que era Helena e Bela e Bela era de, de ferro num é. Mas a baleeira era de madeira, e aí tinha os arpoador de baleia aqui, Porto dos Santo, Itapuã, a pesca era começada por aqui. Mas nas pesca de baleia começava no mês de Agosto né. Em Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro aí parava né. A, a pesca acabava né; mas aí quando chegava no outro ano era quando a baleia vinha de lá da África né, que ela vem de lá não é da, não é criada aqui não. Paria e vinha e praqui, mas o forte era muito grande aí acabou a pesca da baleia. (...) Meu pai também tomava conta da, das duas baleeiras, das duas lancha né, Helena e Bela. E foi que depois ele botou até o nome de minhas irmã uma Helena e a outra Bela por causa da, da pesca da baleia, né

- Trecho da entrevista com o Sr. Álvaro Florêncio da Conceição, nascido em 1913, morador de Porto Santo:

Nesse tempo... nesse tempo de inverno, daqui da Boca da Barra pra Ponta de Nossa Senhora, era o lugar que a água é bastante né, ela então vinha daqui aí, ficava passeando dali da Ponta de Nossa Senhora aqui pra Boca da Barra a, a água era bastante e eles matavam ela de arpão. Eles arpoavam primeiro o filho, o baleote, né. Eles arpoavam o filho, a baleia vinha pra, pra, pra soltar o filho então ela montava nas cordas, nos cabos, a corrente pra sortar o filho nesse ínterim, ele, ele metia a lança a lança né, e furava ela assim e o sangue ficava jorrando. Ela quando, e, e ela quando recebia aquela lança, era saía botando sangue. Chegava a gemer e depois ela voltava e depois ela voltava, pra, pra, pra livrar o filho, né. Montava nas correntes pra ver se soltava o filho, aí nego saía aproveitava. Quando eles viam que ela já tinha

perdido muito sangue, eles pegava e botava um arpão mais forte e na ponta do arpão ia uma granada, uma granada. Quando eles jogava o arpão que a granada encostava no osso explodia. Aí tinha o moço d'alma que mergulhava ainda pra acabar de sangrar a baleia. Tinha, tinha dois navios, era o Bella e o Helena, esses dois era de ferro, né, agora tinha também os barcos de madeira, que chamava-se baleeiras.

A princípio, os relatos possuem algumas recorrências no que tange a definição dos tipos de baleias, dos nomes e tipos de embarcações, da celebração da pesca (festa da cabocla?), da divisão sexual do trabalho, dos ofícios na pesca e processamento dos produtos da baleia entre outros aspectos compartilhados pelos entrevistados.

Na Bahia, pela ocorrência das espécies através da descrição dos entrevistados, relatos de viajantes e publicações antigas, supõem-se que a jubarte e a cachalote eram as mais pescadas, entretanto pode ter ocorrido a captura de outras espécies não tão comuns como a baleia-pamonha e a verdadeira. O entrevistado Sr. Jorge Oliveira Mascarenhas assim descreve as espécies que ocorriam na Baía de Todos os Santos eram “*a pamonha, a baleia de dente, o baleato e a verdadeira. Era quatro tipo de baleia.*”

As rotas migratórias e estoques populacionais das espécies de cetáceos podem ter tido alteração em razão da exploração desde tempos coloniais, portanto não podemos tomar somente os dados dos levantamentos populacionais atuais, mas utilizar as informações da biologia com as fontes históricas. Esta tarefa não nos parece fácil pois geralmente não existem informações sobre a biologia das espécies em documentos coloniais, nem mesmo naquela época eram conhecidas ainda cientificamente.

A baleia predominantemente pescada era a espécie Jubarte (*Megaptera novaeangliae*), da subordem *Mysticeti*. A baleia Jubarte é a mais acrobática das baleias, apresenta locomoção lenta de aproximadamente quatro nós (Palazzo & Palazzo, 1989, p. 16). Justamente, pela variedade de comportamentos aéreos apresentados as baleias jubarte são consideradas mais fáceis de serem avistadas (Reeves *et al apud* Toledo, 2009, p. 62),

consequentemente, mais vulneráveis a atividade pesqueira por embarcações de pequeno e médio porte (como, baleeiras e saveiros).

A jubarte pesa entre 35 a 45 toneladas e mede de 14 a 19 metros (Daney, 1991, p. 14; vide fig. 18). Esta espécie também é reconhecida como Baleia Corcunda e pelo seu “canto”, emitido principalmente em suas migrações e áreas de reprodução (Palazzo & Palazzo, 1989, p. 21). A jubarte, *Megaptera novaeangliae*, tem corpo escuro com manchas brancas irregulares e presença de cracas e parasitas (geralmente barnaças do gênero *Coronulla* e *Conchoderma*, além de “piolhos de baleia” do gênero *Cyamus*) (Toledo, 2009, p. 40). Sua aparição se dá durante a procriação no período do inverno no Banco de Abrolhos sendo, historicamente, mais freqüente sua aparição na Baía de Todos os Santos. Desde a proibição da pesca comercial, o número da população de jubartes vem aumentando no Nordeste do Brasil (S. Neto, 2007, p. 2).

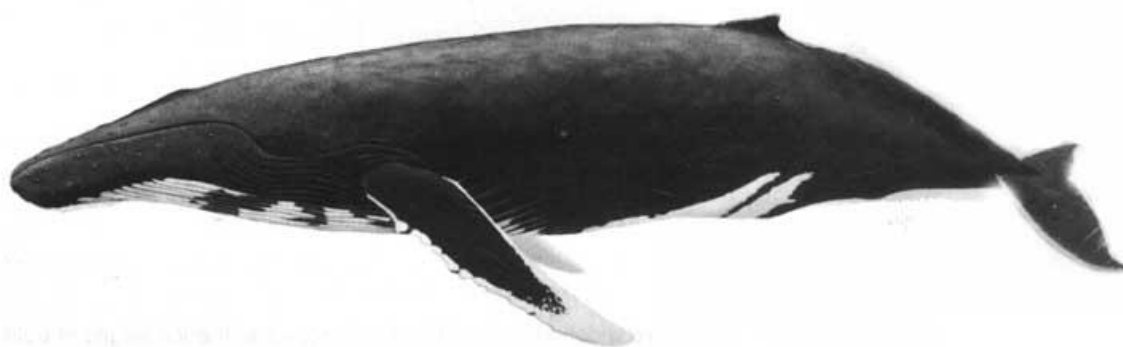


Fig. 18. Desenho da espécie *Megaptera novaeangliae*. Extraído de Alarcon, 2006, p. 87

A baleia de dente que os entrevistados falam existe grande possibilidade de ser a cachalote (*Physeter macrocephalus*), pela sua ocorrência no Nordeste brasileiro. A cachalote é muito conhecida na literatura pela obra clássica Moby Dick, é a maior espécie da sub-ordem *Odontoceti*, com machos medindo até 18,3 m e fêmeas 12,5 m de comprimento total (Toledo, 2009, p. 42). É característico seu corpo robusto de coloração uniforme, variando de cinza ao marrom e sua cabeça grande e triangular, correspondendo aproximadamente a 1/3 do comprimento total do animal (Toledo, 2009, p. 42). A presença de

dentes apenas na mandíbula (vestigiais na maxila superior) que são em muitas partes do globo transformados em objetos artísticos, os “Scrimshaws”.



Fig. 19. Desenho da espécie *Physeter macrocephalus*. Extraído de Alarcon, 2006, p. 101.

A baleia minke é conhecida popularmente como pamonha, esta denominação é genérica podendo variar conforme a região brasileira. Existem duas formas de baleias minke que ocorrem em águas brasileiras oceânicas: a baleia minke antártica, *B. bonarensis*, e a baleia minke anã, *B. acutorostrata* (ZERBINI *et al.* 1997 apud Toledo, 2009, p. 54). Uma das diferenças destas é a presença da mancha branca na nadadeira peitoral, característica da minke anã, *Balaenoptera acutorostrata* (Toledo, 2009, p. 42).

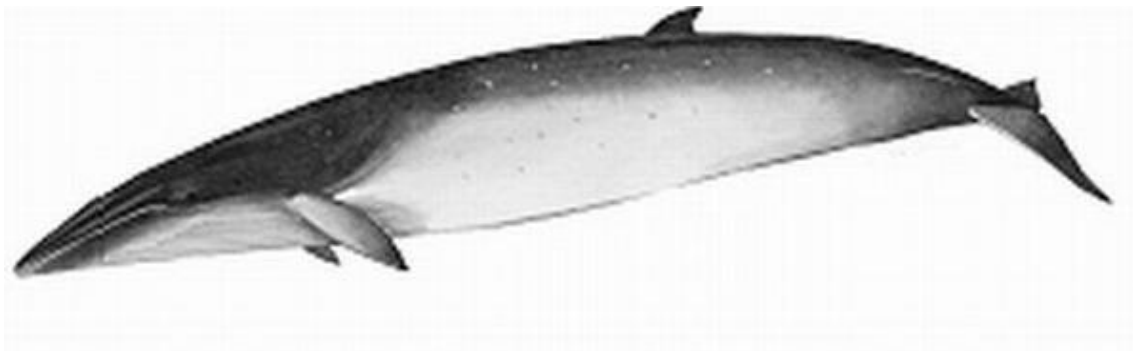


Fig. 20. Desenho da espécie *Balaenoptera bonaerensis*. Extraído de Alarcon, 2006, p. 101.

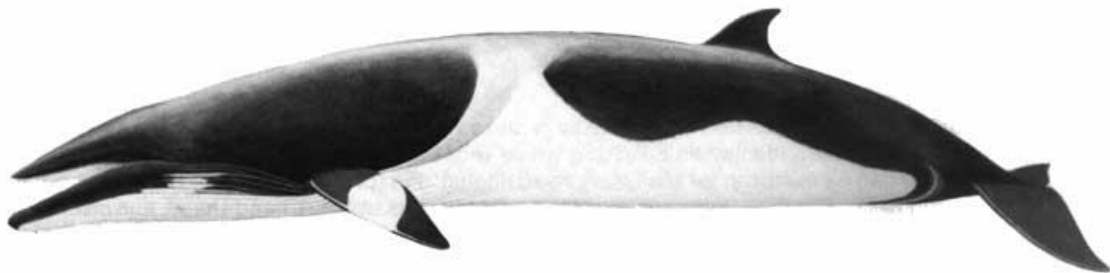


Fig. 21. Desenho da espécie *Balaenoptera acutorostrata*. Extraído de Alarcon, 2006, p. 100.

A Baleia Franca também é chamada de baleia-verdadeira, pode pesar 40 toneladas, possui pele com colorações preta e eventualmente manchas brancas ventrais e protuberâncias amareladas no alto da cabeça (Palazzo & Palazzo, 1989: 30). Esta espécie é considerada dócil e lenta, atingindo a velocidade máxima de 10-15 km/h (Palazzo & Both, 1988: 26). A baleia-franca ocorre com baixa frequência no litoral baiano, tendo sido relatados casos esporádicos (Alarcon, 2006, p. 44).

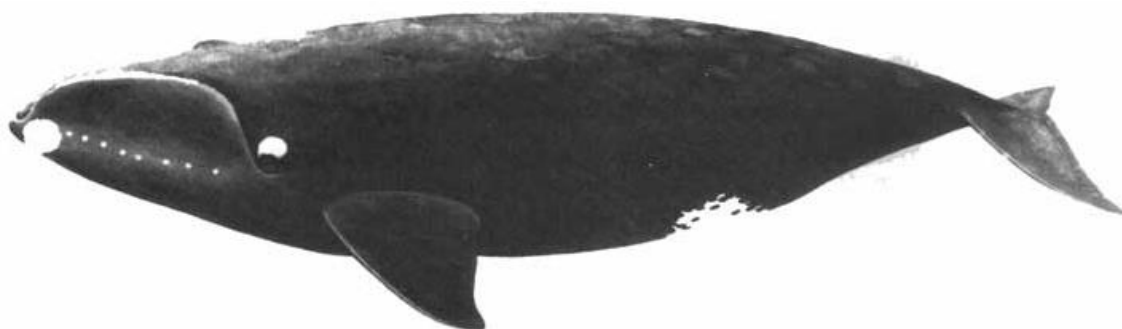


Fig. 22. Desenho da espécie *Eubalaena australis*. Extraído de Alarcon, 2006, p. 99.

Na documentação colonial quando encontramos referência as baleias, não se indicam as espécies ou detalhes físicos das mesmas. As baleias eram denominadas de balêas, de peixe e até por alguns escritores de monstros marinhos. Por sua magnitude foram também denominadas de peixe real. O filhote da baleia era também chamado de cria, baleote, baleote pequeno e baleote de mama. Segundo Boiteux na costa catarinense, o filhote era chamado de baleato em vez de baleote; quando crescido de seguilhote e quando bem desenvolvido de meio-peixe (1916, nº 434). Esta classificação parece também ter sido usada na Bahia, havendo ainda a classificação de madrijo para denominar baleria fêmea e cacharrello os machos.

A carne era outro produto derivado das baleias, apesar de possuir muita hemoglobina, era consumida pelos mais pobres e escravos. Uma baleia oferecia aproximadamente duas mil arrobas de carne e rendia pouca soma em dinheiro se compara ao seu óleo (Denis, 1980, p. 252). A carne da baleia era aproveitada entre a tripulação, separada em postas e dividida em partes entre os baleeiros. A carne, salgada e embarrilada, servia de alimento aos escravos que trabalhavam em engenhos e outras atividades produtivas.

Na Bahia, a carne de baleia era alimento da população pobre do Salvador e da Ilha de Itaparica. Relembrando as entrevistas, foi ressaltado pelos colaboradores que a baleia que se comia não era a de dente, assim estão excluídas as baleias da subordem Odontoceti (entrevistas 1 e 3).

Os viajantes Bulkeley e Cummins, em suas passagens pela Bahia no ano de 1740 relataram que a carne de baleia parece-se muito com a carne de vaca, porém o seu gosto é inferior (1743, p. 176). A negociação da baleia e venda da carne era feita pelas ganhadeiras, mulheres escravas ou libertas que viviam do sistema de ganho, vendendo principalmente gêneros alimentícios pelas ruas de Salvador no século XIX. Estas mulheres dentro desta situação de certa liberdade controlada estabeleciam elos com os fornecedores e os clientes africanos na Salvador oitocentista (Soares, 1996, p. 71).

Para Licídio Lopes, em suas memórias sobre o bairro do Rio Vermelho em Salvador no ano de 1969, a carne de baleia era mais saborosa que a de boi, sendo tratada com limão e moqueada (1984, p. 13). A carne de baleia era preparada de vários modos: moqueada, lavada com limão, novamente moqueada, mergulhada depois picada, em molho de vinagre, azeite doce, cebola e coentro; feita na frigideira com leite de coco parecendo caranguejo e; por fim, havia o prato de lombo da baleia no toucinho fumado, lembrando o preparado da carne de porco (Vianna, 1994, p. 62-63). Dada a divergência de opiniões sobre a qualidade da carne e sua apreciação na alimentação, se pode dizer que o paladar é algo adquirido culturalmente pelas populações humanas. Portanto, a um estrangeiro a carne de baleia poderia ser algo intragável, bem como o modo do seu preparo.

Até metade do século XX, ainda era bastante comum o consumo de carne de baleia em Salvador. No bairro de Itapuã esta atividade foi analisada por Tânia Penido Monteiro (1993, p. 212-237). Já os tendões das baleias eram matérias-primas para a indústria da cordoaria (Ellis, 1969, p. 121; Ellis, 1957, p. 416). O hábito de muquear a carne da baleia pelas mulheres era muito comum em Itaparica como os entrevistados relataram, todos atestam já terem comido a carne preparada desta forma, que era vendida no Recôncavo (Cachoeira, Jaguaripe, Maragogipe).

Na Bahia, os ossos de baleia serviam para fazer pentes, caixinhas, botões e bancos. Os banquinhos eram usados no tratamento médico, acreditava-se que estes assentos eram recomendados aos pacientes de reumatismo (Vianna, 1994, p. 62). Em Itaparica, as vértebras eram usadas para fazer cadeiras e as omoplatas para mesas (Tavares, 1916, p. 74) e para artesanato e confecção de bancos e cadeiras como relatam os entrevistados (entrevistas 3, 4 e 6). Outros ossos eram lançados ao mar em determinados lugares para atrair peixe (Tavares, 1916, p. 74), tem-se o relato da existência de um pesqueiro feito de osso em Itaparica ainda em uso pelos pescadores locais.

O óleo de baleia se prestou ainda para outro uso no Brasil – o farmacêutico. O óleo purificado servia para beber e era considerado um depurativo para o sangue, sobretudo, dado as crianças (Lopes, 1984, p. 13). Este óleo preparado em emulsões também era conhecido como óleo de fígado de bacalhau, apesar de ter sido feito com óleo de baleia (Tavares, 1916, p. 78). Na Bahia, o óleo era usado como remédio, se passava nas feridas, no cabelo e era ingerido para combater doenças “brabas” (Monteiro, 1993, p. 233). Os entrevistados também relatam já terem ingerido muito óleo que se bebia como depurativo (entrevista 3).

Outro tema presente nas entrevistas é a alta especialização com que a pesca da baleia era praticada. O número de pescadores embarcados varia entre 8 e 10, sendo muito referenciadas as figuras do arpoador, o moço das almas e o dono do contrato, este último ficava em terra. José Teixeira de Barros nos dá uma descrição da tripulação de uma baleeira (fig. 23):

O pessoal tripolante de uma baleeira compõe-se de dez homens, assim nomeados na giria dos pescadores o arpoador, o timoneiro, o maço de armas, o balaieiro (especie de ajudante do arpoador), o barrileiro (aguadeiro de bordo), o cafeteiro (despenseiro de bordo), o arrieiro, o balaeiro do timoneiro (empregado tambem na amura), o escoteiro de dentro e o lancheiro. (Barros, 1900, p. 325)



Fig. 23. Pesca da baleia nas proximidades do farol de Santo Antônio da Barra. Gravura em metal de Hippolyte Taunay, da obra "*Le Brésil, ou Histoire, Moeurs, Usages et Coutumes des Habitans de ce Royaume; par M. Hippolyte Taunay et M. Ferdinand Denis*". Paris, 1822. Extraído de LAGO, Pedro Corrêa (org.) *Iconografia brasileira: Coleção Itaú - Sala Alfredo Egydio de Souza Aranha*. São Paulo: Itaú Cultural; Conta Capa Livraria, 2001, p.158.

As embarcações citadas pelos entrevistados na pesca da baleia remontam dois momentos da pesca, uma fase artesanal e outra industrial. O primeiro momento, que vem desde o período colonial é a pesca da baleia feita com embarcações a vela, geralmente a baleeira, mas podendo ser usada a canoa e o saveiro conforme relatam os entrevistados. O segundo momento refere-se a pesca feita em embarcação de grande porte com casco metálico, navios de origem estrangeira, com a captura feita com canhão-arpão.

Ainda durante as entrevistas foram localizados um tacho de frigar de posse de moradora em Manguinhos. Após as entrevistas percebemos que pouco restou da tralha de pesca. Os tanques continuam soterrados e foram reutilizados como cisternas particulares pelos moradores de Manguinhos. Os ossos de baleias capturadas foram reduzidos em pó para função medicinal ou serviram para fazer bancos também com função terapêutica. Os arpões foram sendo vendidos ou levados por parentes para outros locais. Portanto, de bens móveis pouco restou para ser musealizado (fig. 24 a 27). Caberia um trabalho intenso de aquisição destes bens se existisse museu para guarda, conservação

e exposição deste acervo, como um dia preconizou o professor Pedro Agostinho na concepção de um Museu Naval, que poderia abrigar embarcações e tralha pesqueira (Agostinho, 1981).



Fig. 24. Vista lateral de tacho de frigar o óleo de baleia, de propriedade da Sra. Adélia Costa Oliveira. Foto: Rafaela Almeida, 2009.



Fig. 25. Vista lateral de tacho de frigar o óleo de baleia, de propriedade da Sra. Adélia Costa Oliveira. Foto: Rafaela Almeida, 2009.



Fig. 26. Partes ósseas em terreno particular em Manguinho. Foto: Rafaela Ameida, 2009.



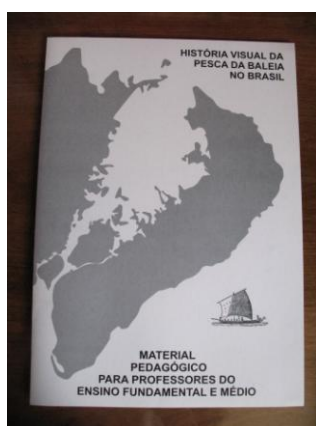
Fig. 27. Tanque usado como cisterna em terreno particular em Manguinho. Foto: Rafaela Ameida, 2009.

5. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

As ações de educação patrimonial consistem na preparação e realização de curso de curta duração para professores da rede pública estadual e municipal dos municípios de Itaparica e Vera Cruz com enfoque no patrimônio arqueológico baleeiro. Esta atividade educativa esteve balizada pela metodologia da Educação Patrimonial que estabelece as seguintes etapas de sensibilização: observação, registro, exploração e apropriação do significado de determinado patrimônio cultural (Horta *et alli*, 1999, p.11).

Para as atividades educativas foram realizadas duas ações: a produção e publicação de um guia visual sobre a história da pesca da baleia do Brasil no formato de pranchas para uso de professores do ensino fundamental e médio, além da realização de uma versão do curso “Patrimônio Baleeiro de Itaparica” no município de Itaparica.

A publicação do guia com as pranchas temáticas objetivou reunir em uma única obra imagens alusivas a pesca da baleia no Brasil, especialmente na Bahia. Os suportes iconográficos correspondem a mapas antigos, pinturas, aquarelas, desenhos e fotografias de acervos oriundos de várias instituições e já publicados em revistas, livros e enciclopédias (*vide* figs. 28 e 29). Este material foi elaborado especialmente para a distribuição aos professores e agentes culturais participantes do curso de curta duração.



Figs. 28 e 29. Guia de pranchas ilustrativas “História visual da pesca da baleia no Brasil”. Fotos: Fabiana Comerlato, 2009.

A ação educativa principal consistiu na realização do curso “Patrimônio Baleeiro de Itaparica” entre os dias 22 e 24 de setembro de 2009, na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior – Itaparica. O objetivo do curso foi discutir os

conceitos de patrimônio cultural, em especial, o patrimônio baleeiro de Itaparica, através da interação com a comunidade, na valorização dos saberes locais.

A atividade de extensão contou com o apoio da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura que mobilizou os participantes e parte da infra-estrutura. A Secretaria Municipal de Educação indicou os educadores que poderiam participar do curso, incluindo representantes das seguintes instituições públicas: Escola Antônio Carlos Magalhães, Escola Criança Feliz, Escola Perolina, Escola José Fernando, CEIMI (creche), Escola Deus Menino, Escola Mario Lisboa, Escola José Viana, Escola Raimundo Sacramento, Escola de Manguinhos, Escola Abaeda e Escola Maria Amélia Santos. Os participantes contabilizaram 37 professores, coordenadores pedagógicos, representantes das secretarias e agentes culturais (representantes de ONG's e estudantes universitários), dos quais 31 obtiveram aproveitamento, advindos das localidades de Barro Branco, Amoreiras, Misericórdia, Manguinhos, Marcelino, Porto Santo e do distrito sede de Itaparica.

O curso teve duração de 20 horas/aula com um programa estruturado especificamente para a abordagem da temática baleeira. Na abertura do curso foi entregue o material didático composto de pasta classificadora, folhas de anotação, programa do curso, guia de pranchas, caneta esferográfica e crachá.

No primeiro módulo (manhã do primeiro dia) foram discutidos: os conceitos de patrimônio, a base legal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro e os bens tombados em Itaparica. Na seqüência foi realizada a oficina "Memodíptico", adaptada da proposta de Herberts *et alli* (2008, p. 30). O memodíptico consiste em um jogo semelhante à memória, composto por pares de cartelas com figuras que se complementam ou tem relação entre si. Para este curso foram utilizadas fotografias atuais e antigas de bens arquitetônicos tombados da Ilha de Itaparica, permitindo através da dinâmica de grupo que os participantes reconhecessem a historicidade e as transformações físicas destas edificações.

O segundo módulo (tarde do primeiro dia) foi dedicado a palestra de um convidado, o prof. Dr. Wellington Castellucci Júnior – autor de dois livros sobre a história de Itaparica, oriundos de suas pesquisas de mestrado e doutorado.

No terceiro módulo (manhã do segundo dia) foi abordada a pesca da baleia no mundo e exemplos de musealização de sítios baleeiros nos Açores através da apresentação de slides e do documentário “Lês pêcheurs basques du Labrador”. No quarto módulo (tarde do segundo dia) através de aula expositiva com auxílio de slides e áudio visual foram abordados os temas: as áreas de pesca da baleia do Brasil (BA, RJ, SP, SC), os armadores do século XVIII, o fim do monopólio, as transformações da pesca da baleia e as últimas atividades da pesca no século XX. Na ocasião foi exibido o documentário “É tempo de baleias” da série Expedições.

No quinto e último módulo foram apresentados os resultados parciais do projeto “As armações da pesca da baleia em Itaparica – Bahia”, culminando no debate sobre a existência e potencial turístico, cultural e educativo do patrimônio baleeiro em Itaparica.

Ao final, foi solicitado o preenchimento de uma ficha avaliativa do curso pelos participantes, cujo resultado foi sintetizado em uma memória do curso apresentada no Apêndice D.

A *posteriori*, aos participantes que cumpriram 75% ou mais da frequência foram entregues os certificados de participação, emitidos pela Pró-Reitoria de Extensão da UFBA.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe nas considerações finais, fazer apenas algumas observações sobre a necessidade de novas pesquisas mais intensivas em Porto Santo e Manguinhos, com a finalidade de evidenciar possíveis estruturas soterradas.

Quanto ao estado de preservação das estruturas em superfície é notória a progressiva destruição que este patrimônio vem sofrendo ao longo das últimas décadas, visto que poucas estruturas ainda são reconhecíveis. O desmanche, a reutilização e descaracterização das estruturas com a incorporação de acréscimos ou novos materiais retiram no conjunto a sua originalidade arquitetônica.

Seria necessário na localidade de Porto Santo um amplo projeto de consolidação, restauro, musealização com amplo envolvimento de técnicos especializados e da comunidade local. Hoje, Porto Santo é uma pequena localidade com uma atividade pesqueira muito diminuta e com poucas possibilidades de geração de emprego ou mesmo de lazer.

O aproveitamento turístico do sítio da Armação de Porto Santo seria uma alternativa de preservação das estruturas remanescentes e um caminho para a preservação deste patrimônio baleeiro. Fica comprovado neste relatório que a documentação textual, material e fotográfica é farta e pode vir a subsidiar um projeto de musealização deste sítio baleeiro.

Além desta porção da Ilha de Itaparica, em nossas visitas a outras localidades percebemos a grande potencialidade arqueológica, sendo registrados os sítios: Igreja de Bom Jesus de Vera Cruz, Forno de Cal da Penha e Capela Santo Antônio dos Velásquez.

Sem mais a relatar.

Salvador, 27 de julho de 2011.

Fabiana Comerlato
Coordenadora

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Pedro. Sobre a urgência de um Museu Naval no Nordeste. **Revista de Antropologia**, vol. 24, p. 123-139, 1981.

ALARCON, DANIELA TRIGUEIRINHO. **Interações entre cetáceos e atividades pesqueiras na área proposta para a reserva extrativista marinha de Itacaré (BA)**. Ilhéus, UESC, 2006. (Dissertação de Mestrado).

ALMEIDA, Stela Borges de. **Negativos em vidro: coleção de imagens do Colégio Antônio Vieira, 1920-1930**. Salvador: EDUFBA, 2002.

BARROS, José Teixeira de. A Pesca da Baleia na Bahia. **Rev. Inst. Geo. E Hist. da Bahia**. Salvador, v. 25, p. 323-336, 1900.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BOITEUX, Lucas A. A vida Marítima Catarinense. Cap. XV: A pesca da baleia. **O Estado**. 17/10/1916. n° 434.

BULKELEY, John & CUMMINS, John. **A voyage to the South Seas in the years 1740-1741**. Printed for Jacob Robinson Publisher, 1743.

CASTELLUCI JÚNIOR, Wellington. **Pescadores e Roceiros. Escravos e forros em Itaparica na segunda metade do século XIX (1860-1888)**. São Paulo: USP, 2005a. (Tese de Doutorado).

_____. Pescadores e baleeiros: o envolvimento de escravos e forros na atividade da pesca da baleia nas últimas décadas dos Oitocentos. Itaparica: 1860-1888. **Afro-Ásia**, 33 (2005b), pp. 133-168.

DANEY, Charles. **Los animales tienen su historia...Las ballenas.** León: Editorial Everest, 1991.

DENIS, Ferdinand. **Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1980.

ELLIS, Miriam. Iluminação no Brasil Colonial. **Revista do Arquivo Municipal.** São Paulo: Gráfica O. S. M., vol. 173, ano 31, p. 145-163, jan-jun 1957.

ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil Colonial.** São Paulo: Melhoramentos, 1969.

HERBERTS, Ana Lucia; TEDESCO, Marcos Anderson; ARNOLD, Elaine. A Valorização do Patrimônio Cultural. In: HERBERTS, Ana Lucia (organizadora). **Oficinas de Educação Patrimonial na Usina Hidrelétrica Barra Grande.** Florianópolis: [S.n.], 2008. Pp. 15-38.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LAGO, Pedro Corrêa (org.) **Iconografia brasileira: Coleção Itaú - Sala Alfredo Egydio de Souza Aranha.** São Paulo: Itaú Cultural; Conta Capa Livraria, 2001

LOPES, Licídio. **Rio Vermelho e suas tradições.** Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

MONTEIRO, Tânia Penido. **La Voix d'Itapuã: Images du passé et vision du changement. Ethnotextes d'un réseau de culture populaire dans l'Etat de Bahia, Brésil.** Thèse de Doctorat d'Histoire, mars 1993.

PALAZZO, Miriam & PALAZZO JR., J. T. **S.O.S baleia!: a história do maior movimento conservacionista de todos os tempos.** Porto Alegre: Sulina, 1989.

PALAZZO JR., J. T. & BOTH, Maria do Carmo. **Guia dos Mamíferos Marinhos do Brasil.** Porto Alegre: Sagra, 1988.

S. NETO, Elitieri; Rossi-Santos, Marcos R.; BARACHO, Clarêncio G.; CIPOLOTTI, Sérgio R.; SAMPAIO, Cláudio L. S.; VELOZO, Raquel Sá; SOUTO, Luciano R. A. A case study of a lone humpback whale calf (*Megaptera novaeangliae*) inside Baía de Todos os Santos, Bahia State, north-eastern Brazil, with implications for rescue procedures. **JMBA2- Biodiversity Records.** Submetido em 17 de agosto de 2007. Aprovado em 23 de outubro de 2007.

SOARES, C. M. As Ganhadeiras: Mulher e Resistência Negra em Salvador no Século XIX. **Afro-Ásia-Ceao/UFBA**, Salvador, N.º 17, 1996.

TAVARES, J. S. A pesca da Baleia no Brazil. **Broteria. Revista Luso-Brasileira**, Braga, vol. XIV, p.69-80, 1916.

TOLEDO, Gustavo Alves da Costa. **O Homem e a Baleia: aspectos históricos, biológicos, sociais e econômicos da caça na Paraíba.** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009 (Dissertação de Mestrado).

VIANNA, Hildegardes. **Antigamente era assim.** Rio de Janeiro: Record; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.

8. APÊNDICES

APÊNDICE A. FICHAS DOS SÍTIOS REGISTRADOS

**APÊNDICE B. TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA DAS FONTES
HISTÓRICAS**

APÊNDICE C. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

**APÊNDICE D. AVALIAÇÃO PELOS PARTICIPANTES DO
CURSO “PATRIMÔNIO BALEEIRO DE ITAPARICA”**